


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

LAÍS BOARINI LONGO

**ASPECTOS DAS VERTENTES DO FANTÁSTICO
E DO REALISMO EM OBRAS DE GUY DE
MAUPASSANT.**



ARARAQUARA – S.P.
2013

LAÍS BOARINI LONGO

**ASPECTOS DAS VERTENTES DO FANTÁSTICO
E DO REALISMO EM OBRAS DE GUY DE
MAUPASSANT.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Luiz Gonzaga Marchezan

ARARAQUARA – S.P.
2013

Longo, Laís Boarini

Aspectos das vertentes do fantástico e do realismo em obras de Guy de Maupassant / Laís Boarini Longo – 2014

42 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)

Orientador: Luiz Gonzaga Marchezan

1. Realismo. 2. Naturalismo. 3. Fantástico. 4. Séc. XIX.
5. Maupassant, Guy de. I. Título.

LAÍS BOARINI LONGO

ASPECTOS DAS VERTENTES DO FANTÁSTICO E DO REALISMO EM OBRAS DE GUY DE MAUPASSANT.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Luiz Gonzaga Marchezan

Data da defesa/entrega: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Luiz Gonzaga Marchezan

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: **Nome e título**
Universidade.

Membro Titular: **Nome e título**
Universidade.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

A todos que compartilharam ao meu lado alegrias e tristezas, e que acima de tudo sempre acreditaram que eu seria capaz de atingir meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela vida que me foi é concedida e pelo discernimento na tomada de difíceis decisões que perduraram meu caminho.

Obrigada aos meus pais, e a minha irmã que souberam o quão difícil foi chegar até aqui, mas, que em momento algum duvidaram da minha capacidade e sucesso, a essas pessoas especiais Reinaldo Aparecido Longo, Maria Isabel Boarini Logo, Ieda Boarini Longo, e a toda minha família deixo meu eterno agradecimento, a você, também Danilo Martins Fontes, pelo carinho, dedicação e apoio em todas as circunstâncias.

Aos meus amigos e as minhas amigas obrigada não somente pelo incentivo no decorrer de meus estudos, como também pelo companheirismo e amizade que nos guiou durante esses quatro anos; e para todos aqueles que em algum dado momento, me incentivaram, e ajudaram, que mesmo não os citando, pois, são muitos, deixo aqui minhas singelas considerações.

Aos meus professores (as), que cumpriram em minha vida um papel fundamental de construtores de um vasto e incessante conhecimento que levarei comigo para todo sempre, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço também especialmente ao meu orientador, o Prof. Dr. Luiz Gonzaga Marchezan, pela sabedoria, paciência, incentivo e colaboração em transformar uma simples ideia na concretização e realização deste trabalho, que agora disponho e compartilho diante daqueles que despertarem o interesse por novos conhecimentos.

“D’un mot mis em place enseigne le pouvoir.”

Nicolas Boileau (1674, v.131-162)

“Se puderes olhar vê. Se puderes
ver, repara” José Saramago (1995)

RESUMO

Pretende-se, com a apresentação deste trabalho, estudar não somente o escritor francês Guy de Maupassant no interior da vertente realista/naturalista, mas como explorador do veio do fantástico e como tais disposições literárias encontram-se trabalhadas em suas obras. As selecionadas para estudo são: o romance *Bel- Ami* de 1885 e os contos *Bola de Sebo*, publicado em 1880 e *A Noite*, publicado em 1887. Considera-se muito a vida literária de Maupassant, tanto como discípulo e correspondente de Gustave Flaubert (1821-1880), como grande amigo de Èmile Zola (1840- 1902), que o admirou. Por fim, como fundamentação teórica, utiliza-se de dois teóricos – Boris Tomachevski e Tezvetan Todorov –, com os quais se busca entender, prioritariamente, como ler Maupassant por meio dos conceitos de “interesse”, “motivação realista” e “estética”, propostos por Tomachevski e o Fantástico, pelas considerações de Tezvetan Todorov.

Palavras – chave: Maupassant. Realismo. Naturalismo. Fantástico. Séc. XIX.

RÉSUMEN

Se pretende, con la presentación de este trabajo estudiar no sólo el escritor francés Guy de Maupassant al interior de la vertiente realista/naturalista, sino como gran explorador de la forma fantástica, y como esas disposiciones literarias son trabajadas en sus obras. Las obras seleccionadas para el estudio son: la novela *Bel-Ami* de 1885, y los cuentos *Bola de Sebo*, publicado en 1880 y *La Noche*, publicada en 1887. Hay una gran consideración por la vida literaria de Maupassant, tanto como discípulo y correspondiente de Gustave Flaubert (1821-1880), cuanto como un gran amigo Émile Zola (1840 - 1902), que lo admiraba. Por último, como base teórica, se utiliza dos teóricos – Tezvetan Todorov y Boris Tomachevski – , con los cuales se busca comprender a Maupassant por medio de los conceptos de “interés”, “motivación realista” y “motivación estética”, propuestos por Tomachevski y el Fantástico por las consideraciones de Tezvetan Todorov.

Palabras- claves: Maupassant. Realismo. Naturalismo. Fantástico. Séc. XIX.

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Guy de Maupassant (1865)	10
Foto 2	Guy de Maupassant com 7 anos de idade (1857)	13
Foto 3	Guy de Maupassant criança acompanhado de sua tia Aglaé de Maupassant (1863?)	23
Foto 4	Maupassant acompanhado da senhora Straus, viúva de Georges Bizet (1888)	34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O SÉCULO XIX E O ESCRITOR GUY DE MAUPASSANT.....	13
2.1 A ambientação do século XIX e o escritor Guy de Maupassant.....	13
2.2 A vida e a vida literária de Guy de Maupassant	16
2.3 Guy de Maupassant e seus dois importantes correspondentes: Gustave Flaubert e Èmile Zola	20
3. A IDENTIFICAÇÃO COMPOSICIONAL DE MAUPASSANT ATRAVÉS DA CATEGORIZAÇÃO DE “MOTIVAÇÃO”, “INTERESSE” E “LEITOR” PROPOSTOS POR BORIS TOMACHESVSKI E DO FANTÁSTICO POR TEZTVETAN TODOROV.....	23
3.1 A "motivação realista" e "estética" em obras de Guy de Maupassant.....	23
3.2 O Interesse do Realismo e do Fantástico	28
3.3 O leitor de Guy de Maupassant.....	30
3.4 O Fantástico em Guy de Maupassant.....	31
4. PONDERAÇÕES SOBRE AS OBRAS: “BEL-AMI”, “BOLA DE SEBO” E “A NOITE”.....	34
4.1 O romance “ <i>Bel-Ami</i> ”	34
4.2 O conto “Bola de Sebo”.....	36
4.3 O conto "A Noite".....	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	41
REFERÊNCIAS IMAGENS	41
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	42

1. INTRODUÇÃO



Figura1. Guy de Maupassant: Dieppe (Francia), 1850

O século XIX, a partir de 1825, é marcado por transformações em diversos setores, sejam eles - econômicos, sociais, culturais e principalmente artísticos por toda a Europa; na França, especificamente, com a queda de Napoleão Bonaparte, e posteriormente com a propagação da Revolução Francesa.

Dadas essas breves considerações, consideraremos certas transformações artísticas daquele mesmo século. Em primeiro lugar, apresentamos a primeira metade do séc. XIX como pertencente a um período literário voltado, em seu todo, para a construção da poética lírica por meio do uso de estruturas formais - metáforas, comparações -, além de um conjunto de traços temáticos encerrados em amores platônicos, além de uma forte propagação de ideias de liberdade ditados pela Revolução Francesa. Essas e tantas outras características fazem parte da escola consagrada Romantismo que se inicia no séc. XVIII e que perdura até a primeira metade do séc. XIX.

Em contrapartida, na segunda metade do mesmo século, podemos visualizar algo às avessas, no interior do aparecimento de um contexto social diferente, visto que as tecnologias, a ciência e a religião se mostram diante de uma nova classe social, a burguesa, cuja ascendência e ideologias por ela defendidas modificam o ambiente europeu. Assim, neste contexto de modificações crescentes, uma visão de mundo calcada num viés objetivo busca uma verdade absoluta e universal e atravessa um ideário de criação literária da época dividido

entre a fé pela ciência, entre o sobrenatural e o natural, questões que motivam a criação artística a rerepresentar um novo senso de beleza.

Assim, nesse contexto, encaixa-se o escritor francês Guy de Maupassant (1850-1893), que não somente pertence à escola realista, mas também ao Naturalismo, que transcende o realismo, julgando o homem como indivíduo condicionado por forças naturais que o movem a exercer comportamentos diversos conforme o seu meio. A corrente Naturalista teve como principal expoente o escritor também francês Èmile Zola (1840-1902), importante na formação de Maupassant, pela convivência e frequência dos diálogos. Ler e estudar Guy de Maupassant é, portanto, mergulhar no entendimento de como um escritor que foi amigo e correspondente de Zola e discípulo de Gustave Flaubert consegue transpor em suas obras a questão realista/ naturalista, e, como por fim trabalha com a vertente fantástica.

Para Otto Maria Carpeaux: “[...] Maupassant parecia o símbolo de Paris em 1880 [...]” (1963, p. 2422); mas é interessante verificar como em suas obras ocorre a presença de um bom estilo francês (CARPEUAX, 1963, p. 2422), além de uma fantástica *finesse* ao abordar as falsas relações humanas de uma sociedade moderna, expondo as possíveis máscaras que o ser humano adquire em determinadas circunstâncias, visando sempre à moral, o bom costume e a boa conduta dentro de uma ambientação burguesa. Maupassant, ainda segundo Carpeaux (1963, p.2423) é um escritor triste, e essa tristeza pode ser comprovada com a monotonia que irradia das suas diversas páginas, pois, trabalha sempre de maneira mecânica as tramas das narrativas, levando o leitor a um efeito inusitado, por isso, na outra fala de Carpeaux, Maupassant aparece como “[...] divertidíssimo, mas monótono [...]”, (CARPEAUX, 1963, p. 2423).

Entendemos então, que a questão do divertido em Maupassant é consagrada através de uma abordagem com personagens e enredos simples da qual percebemos o aparecimento de possíveis reviravoltas no final. Contudo, é assim o modo como Maupassant enxerga com exatidão aquilo que está diante de si e o transmite ao leitor por meio de suas mais variadas estórias.

Ademais, ainda segundo (CARPEUAX, 1963, p. 2424): Maupassant foi “[...] considerado o escritor mais triste da literatura universal [...]”. Para Noemi Moritz Kon (2009):

“[...] Maupassant é um homem sem ilusões, condenado pela percepção arguta da transitoriedade do mundo e do ser humano, perpassando pela vivência da morte” (MORTIZ KON, 2009, p.17)

Considerados, portanto, esses pontos, para nós, nodais, leremos em Maupassant a questão do fantástico, visto num conto, por sua vez, ao lado do exercício da vertente realista do autor, como narrativa curta em que conseguimos observar a “mais aguda realidade” (MORTIZ KON, 2009, p.19) do ser humano, aproximando-a da vida pelo homem no cotidiano.

Podemos evidenciar que o fantástico para Maupassant pode apresentar-se em situações sobrenaturais que vão ao encontro da realidade, uma vez que seus protagonistas estão inseridos num ambiente real que vai se modificando até permanecer completamente ilusório; dessa forma o próprio protagonista desorienta-se ao se deparar entre o real e o sobrenatural.

Assim, estudaremos não somente Maupassant dentro da esfera e vertente realista/naturalista, mas como seguidor da vertente fantástica e como ambas encontram-se trabalhadas em suas obras. As obras que selecionamos vão nos guiar para a conclusão deste trabalho, e dentre elas destacaremos três principais: o romance *Bel-Ami* e dois contos; *Bola de Sebo* e *A Noite*, que realçarão a enorme importância do seu autor, que conseguiu ultrapassar as tendências literárias de sua época.

Por fim, como fundamentação teórica, nomeamos a escolha de dois teóricos - Boris Tomachevski e Tezvetan Todorov, com os quais buscaremos entender, prioritariamente, como leremos Maupassant orientados por Tomachevski nos seus conceitos acerca de ““interesse””, ““motivação estética”” e ““motivação realista””, a fim de verificarmos, posteriormente, a fundamentação das vertentes preferenciais.

2. O SÉCULO XIX E O ESCRITOR GUY DE MAUPASSANT



Figura 2: Guy de Maupassant com sete anos (1857)

2.1 A ambientação do século XIX e o escritor Guy de Maupassant

Ativemo-nos, na leitura no percurso histórico do séc. XIX, a ambientação e ideologias para o entendimento das raízes literárias do escritor francês Guy de Maupassant (1850-1893).

O séc. XIX foi até a sua segunda metade dominado por uma ideologia romântica categorizada principalmente pela figura do poeta, e, que nas palavras de Erich Auerbach, podemos definir não somente esse aspecto como apreender também quais eram esses ideais românticos.

“[...] O poeta romântico é [...] melancólico, extremamente sensível, ama a solidão e a efusões do sentimento, sobretudo a um vago desespero no seio da Natureza. [...] A melancolia solitária se torna a base de uma grande poesia lírica, e a fuga para a vida idílica do campo uma necessidade imperiosa provocada pelo mal-estar que os românticos experimentam quando se encontram nas cidades e na sociedade dos homens [...]” (AUERBACH, 1970, p. 228)

Em contrapartida, dentro da segunda metade deste século, transformações históricas culminaram em mudanças dentro das concepções sociológicas e culturais, que em junção às correntes, positivista, evolucionista, e determinista, auxiliaram no processo de modernização

da vida em sociedade. Tal modernização serviu como pano de fundo às mudanças artísticas em prol de uma visão de mundo objetiva ao criar uma realidade verossímil, fundamentada principalmente em observações detalhadas, e não mais focada numa visão idealizada e subjetiva como outrora.

Desse modo, nasce uma nova concepção artística denominada realista que se instaurou no continente europeu, principalmente na França e que apresenta como publicação oficial a obra realista “Madame Bovary” de Gustave Flaubert (1856).

Flaubert foi mestre, amigo e correspondente de Maupassant, e tanto o inseriu na carreira das letras como lhe ensinou as destrezas de escrever com precisão a técnica de observar a realidade a fim de reescrevê-la, pelos olhos do romancista.

“[...] Trata-se de olhar durante muito tempo e com bastante atenção, tudo o que quer exprimir, para aí descobrir um aspecto que ninguém tenha visto ou descrito [...]” (MAUPASSANT, 1990, p. 123)

Ademais a esse âmbito realista ocorre o surgimento de outra corrente artístico-estética a que denominamos Naturalismo. Ela defendia a ideia de que o ser humano é determinado pelo meio em que está, além de um objetivismo científico, cuja fé na ciência é a única que prevalece, porque consegue explicar e desmitificar o mundo. Toda a corrente naturalista teve como principal expoente o também correspondente de Maupassant, Èmile Zola.

Assim, estes dois grandes escritores Gustave Flaubert Èmile Zola possuem grande importância nas obras de Maupassant, porque através deles nosso estudado escritor transita entre as vertentes realista e naturalista.

Consagramos então Maupassant dentro do século XIX como um escritor que, ao escrever, soma em suas obras as correntes artísticas realistas e naturalistas pautando-se na ambientação do séc. XIX, que possui como marca o traçar de uma realidade fundamentada na representação do homem inserido num plano social burguês.

Desde a Revolução Francesa a sociedade europeia veio se transformando por meio do surgimento emergente de uma nova classe social denominada burguesa. A sociedade burguesa era de extrema importância para o séc. XIX, uma vez que se destacava por comprar títulos de riquezas; os burgueses passaram a procurar trabalhos em cargos sociais importantes, além de adquirirem luxuosas casas que os mais abastados faziam questão de ostentar. Todas essas habitações eram de puro requinte, adornadas com imensos jardins e frequentemente localizadas nos arredores da cidade.

Outra característica pertencente ao ambiente francês em pleno séc. XIX envolve a

questão dos vestuários, a afirmação de que “o traje faz o homem” dita pelo sociólogo Eric J. Hobsbawm, (1997, p. 320) representa a ideia de quão importante foi o vestuário para a época, visto que a alta moda parisiense simbolizava entre Damas e Cavalheiros burgueses o poder, a realização social e acima de tudo o status diante das classes sociais menos favorecidas.

Ainda dentro desse contexto encontramos como fator evidente a realização de eventuais passeios como forma de um lazer burguês. Esses passeios podiam ser feitos em parques ajardinados, ruas animadas por bares, casas noturnas, ou demais formas de comércio que na maioria das vezes funcionavam como um local de encontro às pessoas da alta-sociedade.

Ao abordarmos todas essas ambientações, a sociedade do séc. XIX pode ser categorizada como um mundo altamente burguês, visto que esta burguesia dominante lutava pela prevalência de costumes, morais, ideologias e valores que dominavam todo o século. Definimos através das palavras de Hobsbawm o que realmente foi esse mundo burguês.

“[...] solidez, e beleza expressava uma grande divisão entre o material e o ideal, o corpóreo e o espiritual, muito típica do mundo burguês, já que o espírito e ideia dependiam da matéria e podiam ser expressos somente através da matéria, ou pelo menos do dinheiro que pudesse comprá-la. [...]” HOBSBAWN (1997, p. 323).

Para tanto, é necessário entendermos que toda esta contextualização foi trabalhada minuciosamente dentre as mais variadas páginas escritas pelo escritor Guy de Maupassant. Apodero-me agora das palavras de Noemi Moritz Kon para entender como Maupassant revela detalhes do contexto social, político e burguês pertencente ao séc. XIX

“[...] Maupassant pôde, como poucos, revelar em detalhes um mundo que, apenas aparentemente, já não é o nosso. As carruagens, as locomotivas o telégrafo, as lamparinas, [...]. Homens elegantes com charutos e copos de licor na mão, mulheres com vestidos longos [...], flertes e amores perpassados por uma sensualidade [...], ainda pertencentes a um mundo findo, o da nobreza [...]” (MORTIZ KON, 2009, p. 16)

Assim, ao se colocar diante da imensidão das obras maupassantianas, o leitor é levado a conhecer e a (re) descobrir o mundo do homem do séc. XIX; para Carpeaux (1963, p. 2422): “Maupassant afigura-se, a muitos, tão antiquado com aqueles bigode e chapéus”. Toda essa caracterização pode ser visualizada através das fotos do próprio escritor, que aparece sempre bem vestido, de cartola e bigodes salientes, como um homem burguês pertencente exclusivamente ao seu tempo; entretanto, ler e conhecer Maupassant vai muito além dessa caracterização social, uma vez que nos cabe, ao lê-lo, desvendar as paixões e dores humanas,

os anseios e as falsas relações sociais, encobertas por moralismos e jogos de “interesse” vivenciados pelo homem burguês dentro de uma sociedade em pleno séc. XIX.

2.2 A vida e a vida literária de Guy de Maupassant

Henry René Albert Guy de Maupassant, conhecido mundialmente por Guy de Maupassant, nasceu no dia 5 de outubro de 1850, em local desconhecido entre estudiosos e críticos. Diante de tal dúvida, uma certeza: Maupassant passou seus primeiros anos de infância em *Fécamp*, em meios a grandes veleiros, pescadores e construções navais, paixões estas que influenciaram o escritor durante toda sua vida, e que podemos encontrá-las, por exemplo, no conto, “Sobre a água”, publicado em 1876.

Os pais de Guy foram Laure de Pointevin (1821- 1903) e Gustave Maupassant (1821- 1899), que se separaram em 1860; após a separação, Maupassant passou a morar com a mãe e seu irmão Hervé de Maupassant (1856- 1889) em *Étretat*, localizada na Alta-Normandia.

“[...] ali, Maupassant inicia seus estudos em casa, com a ajuda e os ensinamentos de sua mãe e um padre, na Ville de Les Verguies. Divide seu tempo entre os estudos, as brincadeiras e os passeios com os filhos de camponeses e pescadores e as visitas com sua mãe a outras famílias em *Étretat*”. (Hervot, 2010, p.26)

No dia 09 de julho de 1846, a família Maupassant adquire um título de nobreza que lhes possibilita o direito de usar a partícula distintiva “de” no sobrenome da família, assim, o pai de Maupassant começa a assinar Gustave de Maupassant. Entre os anos 1863-1867, Laure insere seus filhos na escola eclesiástica em *Yevot*, porém, o enclausuramento, os colegas e a formação para a vocação sacerdotal não agradam de forma alguma Maupassant.

Em 1868, é encaminhado ao *Liceu Corneille*, em Rouen; e é nesse período que passa ter contato com duas pessoas de grande importância em sua vida, Loius Bouilhet e Gustave Flaubert. Ambos transformaram a alma do jovem escritor, porque apaixonados pelas artes e literaturas. Bouilhet trabalhava na biblioteca municipal de Rouen e foi quem teve a oportunidade de ver os primeiros versos de Maupassant; infelizmente morreu subitamente em 1869. Na passagem abaixo veremos através das próprias palavras de Maupassant o quão importante foram essas duas personalidades.

“Dois homens, por seus ensinamentos simples e brilhantes me deram força de tentar sempre: Louis Bouilhet e Gustave Flaubert, [...], Bouilhet, que conheci primeiro e de maneira mais íntima, cerca de dois anos antes de conquistar a amizade de Flaubert [...], fez-me compreender que o trabalho

continuo e o conhecimento profundo do ofício[...] podem provocar esta eclosão de obra curta, única e tão perfeita quanto a podemos criar, [...]" (MAUPASSANT, 1990, p. 122)

Maupassant entra para a faculdade de Direito em Paris na data que consta 1869 e começa a viver em uma pensão. Entretanto, em 1870 estoura a guerra franco-prussiana e foi obrigado a prestar serviços de intendência em Rouen, um período que não agrada de forma alguma o escritor.

"[...]. Participa, sob um inverno rigoroso, da campanha no Eure, uma experiência brutal e assustadora que será retomada em vários de seus contos, tais como em "Bola de Sebo", "Mademoiselle Fifi", "O pai Milon", "Dois Amigos", "A aventura de Walter Schnaffs", "Santo Antonio", "Um duelo"." (Moritz Kon, 2009, p.11)

Posterior à guerra, em 1872 começa a trabalhar na Marinha, passando logo depois a uma repartição pública, lugar onde trabalha durante seis anos. Tal função era desagradável para Maupassant, porque passava sozinho terríveis invernos em Paris, e como forma de passatempo escrevia a sua mãe contando como era viver em Paris.

O começo de toda uma vida epistolar se inicia justamente com sua mãe Laure, porque ela é sua primeira, fiel e constante destinatária. Posteriormente toda sua epistolaridade é voltada para comunicar-se com amigos e pessoas importantes da época, sob um viés de constante reflexão.

"[...] sua correspondência lhe permite pensar e escrever sobre a criação artística e, por meio de um diálogo epistolar entre profissionais, revela sua concepção de escritor e discute o devir da literatura no final do século XIX" HERVOT (2010, p. 57)

Todas as cartas que Maupassant nos deixou, identificamo-las como sendo importantes por possuírem reflexões literárias. Para Brigitte Hervot; em várias ocasiões escreveu cartas para dar sua opinião a respeito das obras de seus amigos e colegas entre eles Flaubert e Zola, (2010, p. 58)

Toda essa correspondência leva a crer que Maupassant conhecia e lia tudo o quê estava ao seu alcance e por isso conseguiu dialogar com outros escritores. Ainda segundo Hervot (2010, p.60), desse modo, Maupassant conseguiu abrir caminho em prol de suas próprias concepções críticas.

Assim, foi somente em 1975 que Maupassant lançou sua primeira obra, "A mão do Esfolado" e, a partir daí, passa com avidez a exercer e a se fixar no meio literário da época. Porém, Maupassant sabia exatamente que uma obra não nasce a partir do nada, ou sobre mera

inspiração, ao contrário, é algo que precisa de muito esforço, concentração até se obter um trabalho perfeito. Devido a essa prática ardorosa, aprende com o mestre Flaubert a valorizar a documentação rigorosa, a observar os detalhes de uma minuciosa realidade, a desconfiar dos modelos e influências, além da necessidade de ser original, devido a tal ponto Maupassant escreve uma carta destinada a Maurice Vaucaire, no dia 7 de julho de 1886 e escreve seu posicionamento a respeito da originalidade do artista.

“[...] A originalidade de um artista aparece primeiramente nas pequenas coisas e não nas grandes. Obras-primas foram feitas a partir de detalhes insignificantes, de objetos vulgares. Devemos encontrar nas coisas uma significação que ainda não foi descoberta e tentar expressá-la de uma maneira pessoal [...]” Hervot (2010, p. 239. Tradução da autora)

Maupassant então passa a enxergar claramente qual é o valor artístico de uma obra.

“[...] o valor artístico de uma obra não depende de sua semelhança com os modelos interiores, mas de seu modo de destoar deles, e a missão do artista é a de enxergar a realidade, expressá-la de um modo original e belo, sem medo de sacrificá-la em favor do verossímil e do simplificado [...]” (HERVOT, 2010, p. 66)

Maupassant correspondeu-se frequentemente com o mestre e amigo Flaubert em Croisset e Paris. E, esses diálogos continham sempre um caráter literário:

“Não se pode esquecer de que ele é discípulo de Flaubert e que, para este, o programa subjacente às suas cartas é falar a respeito de literatura [...]” (HERVOT, 2010, p. 57)

Em meados de 1886, Maupassant começou a freqüentar encontros semanais com o também escritor e pai da corrente naturalista Émile Zola, “uma magnífica, brilhante e necessária personalidade”. (MAUPASSANT apud HERVOT, 2010, p. 66)

No ano de 1877 teve seu primeiro contato com a doença da sífilis e precisou passar uma temporada em cuidados médicos.

Somente em 1880, é que Flaubert o libera para publicar seus escritos, e foi aí que apareceu a novela que estudaremos posteriormente, “Bola de Sebo”; por meio deste texto, Maupassant se tornou altamente conhecido, famoso, uma celebridade para a época. Para Otto Maria Carpeaux, “Bola de Sebo” é entendida como:

“[...] Um dos seus contos, o primeiro, aquele que mais ofende as *bienséances* burguesas, “*Boule de Suif*”, entrou no rol das obras clássicas, com tôdas as honras oficiais. [...]” (CARPEAUX, 1963, p. 2422).

Quando Flaubert morre, deixa Maupassant extremamente triste; decide-se pelo isolamento em Paris, dividindo seu tempo entre a literatura, viagens e sua também paixão, o jornalismo. Tratou-se de uma fase altamente produtiva, escreve sem interrupções para jornais famosos do período, como por exemplo, *Le Gaulois* entre 1880 a 1890; *Gil Blás* a partir de 1881 e, *Le Figaro*. Entre 1883 a 1890 foi para a África e lá faz ao todo quatro expedições, tudo pelo jornal *Le Gaulois*. Foi nessa fase que sua produtividade alcança um nível excelente; como publica muito, torna-se um homem rico e notável.

Publica seu primeiro romance em 1883, *Une Vie*, e alcança o sucesso rapidamente; *Bel-Ami* foi lançado em 1885, cujos personagens são extremamente burgueses; nessa fase, Maupassant retrata a verdadeira sociedade:

“A partir de 1885, seus contos colocam em cena personagens de alta sociedade. Maupassant convive intimamente com a alta burguesia e com a aristocracia, apesar de detestar-lhe a artificialidade [...]” (MORITZ KON, 2009, p.14).

Seu irmão morre em 1889, vítima de um padecimento psíquico. Maupassant foi responsável por seus cuidados e ele mesmo se encontra doente, com sintomas agravantes da sífilis. Em 1877 seus sintomas se agravam e resultam em uma paralisia generalizada, causando-lhe graves sofrimentos. A partir de 1888 os médicos lhe receitam haxixe, ópio e éter. A partir, portanto, de 1889, escreve muito pouco e deixa duas obras e duas peças de teatro inacabadas. Em, 1892 tenta o suicídio, mas é internado no sanatório do “Dr. Blanche”, em *Parssy*.

“Lá, o escritor duelava com inimigos imaginários, dizia ter sido envenenado por animais, plantava Maupassants no jardim, imaginava-se sujo e andava como a um animal.” (MORITZ KON, 2009, p.15)

Guy de Maupassant morreu no dia 06 de junho de 1893 e foi enterrado no cemitério de Montparnasse. Seu enterro foi acompanhado por diversas pessoas, sendo elas amigas e escritoras.

Èmile Zola discursou no enterro do escritor, em sete de julho de 1893:

“E, senhores, se estivesse aí a glória de Maupassant, seria ainda a mais certa e a mais sólida das glórias. Portanto, que ele durma seu bom sono, tão afetosamente comprado, confiante na saúde triunfante da obra que ele deixa! Ela viverá, ela o fará viver. Nós, que o conhecemos, ficaremos com o coração cheio de sua robusta e dolorosa imagem. E, nos tempos vindouros, aqueles que apenas o conhecerão pelas suas obras hão de amá-lo pelo eterno canto de amor que entoou a vida.” (HERVOT, 2010, p. 271. Tradução da autora)

Conseguimos, assim, enxergar, que Maupassant possui uma vasta formação literária, a partir de sua mãe, de Flaubert, Zola, Bouilhet, alguns outros, e contém dessa formação um conhecimento e talento que foi se concretizando através de seu amadurecimento literário.

Maupassant apresenta em suas obras uma linguagem simples, segura e limpa; com temas diversos, as quais se destacam o pessimismo, as paixões humanas, infelicidades, poder, sucesso, loucura; além de trabalhar com perfis psicológicos de seus personagens, denuncia e mostra como era a sociedade corrompida em pleno séc. XIX em narrativas que conquistam e fascinam leitores.

2.3 Guy de Maupassant e seus dois importantes correspondentes: Gustave Flaubert e Èmile Zola.

Guy de Maupassant, ao iniciar-se no meio literário, teve influências de seu mestre realista Gustave Flaubert e de seu amigo naturalista Èmile Zola, que dialogavam frequentemente com o escritor por meio de missivas relativas à arte literária. Dessa forma, conhecer Maupassant demanda não somente estudá-lo por suas mais variadas obras, mas também por ser praticante dessa arte epistolar em pleno sec. XIX:

“[...] mais conhecido pelo seus contos e seus romances, escreveu, em aproximadamente trinta anos, mais de oitocentas cartas, nas quais fala de tudo, isto é, do trivial e do cotidiano de um homem inserido na vida contemporânea e envolvido com os assuntos do dia a dia, com uma fluência típica da oralidade.” (HERVOT, 2010, p.23)

Gustave Flaubert foi quem aceitou Maupassant como seu discípulo e lhe impôs uma disciplina rigorosa e entrega total na arte literária, entendendo que o escritor deveria buscar constantemente a perfeição.

Ardoroso com a linguagem, Flaubert defendeu que tudo precisava estar em perfeita harmonia com todo o texto, principalmente com sua composição e estilo. Foi assim que Maupassant, em meios às visitas de salões e aventuras amorosas tentava se dedicar ao máximo à literatura e a todos os conselhos que seu mestre lhe recomendava.

Por isso, a comunicação entre Maupassant e Flaubert foi extensa, já que Maupassant confienciava-lhe sua dificuldade em escrever. Flaubert foi um de seus destinatários mais importantes:

“Maupassant considerava a relação de Flaubert com a escrita a lição mais importante de todas para um escritor. Antes de tomar decisões sobre isso e aquilo em seu livro, colocar-se numa posição receptiva. E escutar o tema, os

personagens — seus pensamentos e desejos, e todo o universo a ser criado, como se fosse música” (<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/a-escuta-de-flaubert>).

Outro grande nome que fez parte da vida epistolar de Maupassant, e tão importante quanto Gustave Flaubert, foi Èmile Zola. Conheceram-se no início da década de 1870, e muitos estudiosos, classificaram Maupassant como pertencente à escola Naturalista, da qual Zola é considerado o precursor; entretanto, apresentam como visão de mundo algo que os desassemelham completamente.

Maupassant é mais irônico, mordaz e fino; apresenta em suas obras uma crítica à nobreza e à burguesia; já Zola trabalha em suas obras com as classes de oprimidos e com a maioria dos cidadãos. Brigitte Hervot (2010) tem ambos como observadores das classes dominantes e dos mecanismos do capitalismo, temas efervescentes no séc. XIX.

Maupassant conhece Zola em 1875 e mantém com ele uma correspondência. Visita-o posteriormente em reuniões em sua casa em *Médan*. Foi o próprio Zola quem agenciou a publicação do conto “Bola de Sebo”.

Apesar de todo o diálogo entre Maupassant, Flaubert e Zola, o autor de “Bola de sebo” sempre teve a convicção de consagrar sua independência como artista, e isso se justifica em grande parte na qualidade particular à sua obra, em que tais convicções transparecem, por exemplo, no interior do naturalismo com traços que contrariaram Zola, conforme abaixo:

“[...] Desconfia que o documento não é mais a finalidade de toda a literatura e procura uma arte mais sutil e verdadeira. Maupassant, percebe que a visão da natureza na sua uniformidade e na sua miséria pode ser substituída por um outro realismo.” (HERVOT, 2010, p.85)

No seu texto intitulado “Le Roman” publicado como prefácio do livro “Pierre e Jean” de 1888, Maupassant nos abre caminho a respeito do que denomina sua “teoria da observação” (MAUPASSANT, 1990, p. 124): consistia em dar ao ato ficcional uma ilusão, mas com uma aparência completa de verdade, sem desvendar os acontecimentos que desencadeiam as circunstâncias, apenas selecionando aqueles mais relevantes. Há, contudo, efeitos de dizer, sejam eles uma palavra, um verbo, frases sem rebuscamento e isoladas (MAUPASSANT, 1990, p. 124).

Devido a isso, os bons realistas, inclusive, para Maupassant, seriam aqueles que empregassem procedimentos artísticos próprios, a fim de fazer valer a sua ilusão particular, a sua visão pessoal do mundo e, ainda assim, escondendo a sua personalidade, mascarada por meio da literatura: “[...] a habilidade consiste em não deixar que o leitor reconheça esse *eu* que escondemos sob as mais diversas máscaras [...]” (MAUPASSANT, 1990, p. 120)

Para Maupassant tudo o que o romancista enxerga, sente, expressa e experimenta é observado a fim de que se tornem altamente originais, e essa originalidade deriva certamente deste processo de observação

Em face dessa vasta definição de ser original e libertário no seu pensamento, Maupassant nos apresenta sua concepção estética, e acredita também que todo e qualquer princípio literário não é de grande valia, pois o que interessa mesmo são as obras literárias em si e não a opinião do autor sobre ela (MAUPASSANT, 2008, p. 1378).

Ao estudarmos os ensaios e as correspondências de Maupassant, fica evidente que Gustave Flaubert e Èmile Zola modificaram sua visão defronte a carreira literária, além de revelarem o quanto Maupassant esteve centrado numa produção literária que atendesse não só estéticas pessoais como também a sua formação de homem e escritor.

3. A IDENTIFICAÇÃO COMPOSICIONAL DE MAUPASSANT ATRAVÉS DA CATEGORIZAÇÃO DE “MOTIVAÇÃO”, “INTERESSE” E “LEITOR” PROPOSTOS POR BORIS TOMACHESVSKI E DO FANTÁSTICO POR TEZTVETAN TODOROV.



Figura 3: Guy de Maupassant criança acompanhado de sua tia Aglaé de Maupassant.

3.1 A Motivação Realista e Estética em obras de Guy de Maupassant

No ensaio intitulado “Temática”, incluído no volume - *Teoria da Literatura- Formalismo Russo* (1973), o teórico Boris Tomachevski propõe uma abordagem literária a partir da estrutura mínima de um tema que nomeou pela categoria de Motivação. (TOMACHESVSKI, 1973, p.184)

Os motivos constituem-se como estruturadores das unidades temáticas que sustentam a fábula literária e são assumidos pelas personagens da narrativa. Desse modo, a motivação é um aparato de idéias que organiza os motivos, através de sua disposição no texto. Tomachevski divide essa categoria em três: Motivação Composicional, “motivação estética” e “motivação realista”.

Abordaremos especificamente as motivações Realista e Estética para entendermos como o escritor Guy de Maupassant trabalha nas obras “Bel Ami”, “Bola de Sebo” e “A Noite”, as categorias motivacionais.

A “motivação realista” aponta para o fato de que toda obra possui uma “ilusão elementar” (TOMACHESVSKI, 1973, p.186) voltada para a configuração de uma ação narrativa verossímil. Essa ilusão e verossimilhança é vista pelo leitor como algo autêntico e, portanto, real. Por outro lado,

“Para um leitor mais informado, a ilusão realista toma uma forma de exigência de verossimilhança. Sabendo do caráter inventado na obra, o leitor exige, entretanto, uma certa correspondência com a realidade e vê o valor da obra nessa correspondência. Mesmo os leitores conhecedores das leis de composição artística não podem libertar-se psicologicamente desta ilusão” (TOMACHESVSKI, 1973, P.187)

Ou seja, podemos ressaltar que toda obra literária é fruto de um processo ficcional e artificial. Entretanto, é função de um leitor mais experiente perceber que todas as ações inseridas nesse processo artístico devem ser entendidas como verossímeis, e que diante de um leitor ingênuo as personagens, as ações e o enredo são relatados como algo verdadeiro, ou seja, a fim de que ele creia na “autenticidade do relato”. (TOMACHESVSKI, 1973, p.186)

Cada escola literária contrapõe-se à escola precedente e isso faz com que cada “motivação realista” distinga-se, em diversos modos, das narradas em período anterior; contudo, podemos observar que a corrente realista e naturalista trabalharam a categoria de motivação através de uma “exortação ao natural” (TOMACHESVSKI, 1973, p.188), ou seja, ambas as correntes afirmaram que durante o processo artístico, a verossimilhança deriva de uma realidade considerada objetiva e verdadeira.

Todo este conceito pode ser visto no próprio Maupassant, que ao refletir sobre a “verdade”, nos diz que ela é formulada e pensada pelo próprio escritor diante de suas escolhas.

Maupassant, acima de tudo, foi um escritor preocupado em apresentar o quê é real e verossímil; expôs no texto *Le Roman* (1988) seu pensamento a respeito da ideia da “verdade” artística:

“Se o realista for um artista, procurará não nos mostrar a fotografia banal da vida, mas dar-nos dela a visão mais completa, mais abrangente, mais convincente do que a própria realidade [...], Relatar tudo seria impossível [...], Impõem-se, portanto uma escolha, o que é um primeiro atentado à teoria de toda a verdade.” (MAUPASSANT, 1990, p. 115)

Analisaremos, dessa maneira, a configuração da “motivação realista” nos textos do escritor Guy de Maupassant, e iniciaremos por descrevê-las primeiramente nas obras “Bel Ami” e “Bola de Sebo”.

Em ambos os textos encontramos a memória como pertencente aos elementos dessa motivação, com a função não somente de retomar o que já foi dito, mas apresentar pela voz no narrador, fatos passados das personagens que o leitor, dessa maneira, conhecerá pela narrativa.

Tomemos, por exemplo, o desfecho do romance “Bel Ami”, no qual o protagonista Du Roy, ao casar-se com a filha de Walter, Suzanne, relembra fatos vivenciados com a Senhora de Marelle, conhecidos, todavia, do leitor.

“[...] Seu pensamento voltava-se agora ao passado e, diante de seus olhos deslumbrados pelo brilho do sol, vagava a imagem da Senhora de Marelle, retocando diante do espelho os cabelos frisados das têmporas, que sempre se desmanchavam ao sair do leito. (MAUPASSANT, 1981, p, 319)

Já, no conto “Bola de Sebo”, a memória aparece como explicação do narrador acerca dos perfis das personagens, a fim de que o leitor as compreenda no interior da trama na narrativa. Lemos, no excerto abaixo, como este conceito é trabalhado na personagem chamada Loiseau:

“[...] antigo vendedor de um patrão arruinado, Loiseau adquiria o patrimônio e fizera fortuna. Vendia péssimo vinho aos negociantes do campo e passava entre os amigos e conhecidos por um espertalhão e tanto, um verdadeiro normando, cheio de manhãs e jovialidades [...]” (MAUPASSANT, 1987, p.13)

Além da concepção de memória, há também como fator motivacional realista, a descrição, por meios de informações sobre as personagens, tempo e espaço. As descrições são trabalhadas por Maupassant minuciosamente, e acumulam informações não somente com características físicas e morais das personagens, como também sugerem momentos temporais e espaciais para a narrativa.

“Duroy, surpreso, olhava-o. Estava bem mudado, bem amadurecido. Tinha agora uma pose, uma atitude, um modo de homem sério, seguro de si mesmo, e uma barriga de homem de come bem. Outrora ele era magro, pequeno, ágil, estouvado, valentão, brigão, e sempre agitado. Em três anos, Paris havia feito dele alguém diferente, gordo, sério, com alguns cabelos brancos nas têmporas, se bem que não tivesse mais de vinte e sete anos.” (MAUPASSANT, 1981, p. 11)

“Uma era velha, com a face toda picada de varíola, como se tivesse recebido uma carga de chumbo em pleno rosto. A outra, miudinha, tinha um rosto pálido sobre um peito de tísica, minado por essa devoradora fé que faz os iluminados e os mártires.” (MAUPASSANT, 1987, p. 14)

O uso de momentos espacializados podem ser encontrados especificamente nos excertos abaixo, que pertencem ao conto “Bola de Sebo” e ao romance “Bel-Ami”, que por meio deles vemos como Maupassant trabalha principalmente esta noção de espaço, mostrado sempre como lugar de realidades existentes, sem apelo quer para o pictórico quer para o imaginário, o que fundamenta as intenções realistas do ficcionista.

“Às quatro e meia da manhã, reuniram-se os viajantes no pátio do Hotel Normandia, onde deviam embarcar [...]” (MAUPASSANT, 1987, p. 11)

“Quando Georges Duroy chegou ao bulevar, parou, ainda indeciso sobre o que iria fazer. Tinha vontade agora de ir aos Champs-Élysées e à Avenue du Bois de Boulogne para respirar[...]” (MAUPASSANT, 1981, p. 8)

Encontramos ainda o uso frequente de interferências realistas do narrador diante das ações, juízos de valores e sentimentos no texto. Temos como exemplo na passagem do romance “Bel Ami”, a qual o narrador faz uma comparação, depois que apresenta as características físicas da personagem Georges Duroy; tal uso garante ao leitor que o narrador é conhecedor profundo da matéria narrada, além de conter uma intenção de convencimento, fato este, completamente esperado pelo leitor de uma obra realista.

“[...] olhos azul-claros, cortados por uma pupila muito pequena; de cabelos naturalmente frisados, separados por uma risca no meio da cabeça; *ele se parecia bastante com o violão dos romances populares.*” (MAUPASSANT, 1981, p. 08. Grifo nosso)

Ainda na concepção de “motivação realista”, encontramos por subcategoria o Fantástico que Tomachevski afirma: “[...] a concepção fantástica do mundo ou a admissão de possibilidades não são relativamente justificáveis, mas apenas uma hipótese voluntária” (TOMACHEVSKI, 1973, p. 189).

Dessa forma, apresentam-se como relatos fantásticos aqueles que oferecem uma dualidade de interpretação na fábula, ou seja, acontecimentos designados reais ou fantásticos. (TOMACHEVSKI, 1973, p. 189).

Seguindo tal definição, vemos que o fantástico para Todorov, em linhas gerais é um gênero que pode ser explicado de duas maneiras, uma por causas naturais e outra por forças sobrenaturais e essa possibilidade de circulação entre ambas é por onde se cria o feito

fantasmagórico. O fantástico, no entanto, explicado por Tomachevski, “não surge nunca de uma forma desvelada. Seus acontecimentos não devem jamais constranger a crença no sentido místico dos acontecimentos da vida, mas devem antes de tudo sugerir, fazer alusão a isto”. (TOMACHEVSKI, 1973, p. 189).

Assim, no conto intitulado “A Noite” verificamos a atmosfera noturna como o elemento fantástico do conto e através do protagonista/narrador é que conseguimos desvendar os fatos, as perspectivas e a ambientação existentes na história. Tal ambientação é pautada no cotidiano, e, é trabalhada através de elementos que definem a localidade espacial e temporal, da personagem no conto.

Os elementos espaciais são aqueles que surgem no caminhar desesperado da personagem, como por exemplo, o “Arco do Triunfo”, a avenida “*Champs-Élysées*”, a “*Place du Château -d’Eau*” dentre outros; já, os elementos temporais são indefinidos, pois mostram a indecisão do protagonista diante do tempo, porque não reconhece quantas horas já transcorreram; assim essa temporalidade indefinida é o que gera o insólito na narrativa fantástica.

“Que horas eram quando passei de novo sob o arco do Triunfo? Não sei. A cidade adormecia, e nuvens, fartas nuvens negras se estendiam lentamente no céu. Pela primeira vez senti que ia acontecer alguma coisa de estranho, de novo.” (MAUPASSANT, 2010, p. 719)

Assim, ao explorarmos o procedimento da “motivação realista”, partiremos para a concepção da “motivação estética” proposta por Tomachevski perante as obras como “Bel-Ami”, “Bola de Sebo” e “A Noite”, de Guy de Maupassant. A “motivação estética” é a categoria que ordena os motivos na obra, e leva em conta a valorização da forma e da literariedade.

Os motivos estéticos são apresentados através da caracterização das personagens que concernem nas mais variadas cargas morais, emocionais e psicológicas, uma vez que cada personagem possui traços autênticos, mas que se encontram como um todo na literariedade das obras maupassantianas, visto que as personagens fazem parte de um meio social, cujos valores, ideologias e morais são expostos e trabalhados criticamente oriundos de um meio burguês.

Dessa forma, todo o contexto existente nas narrativas nos faz conhecer como era a ambientação histórica e social do séc. XIX, pois as categorias motivacionais de espaço mostram lugares luxuosos frequentados pela alta sociedade, passeios, carruagens, vestimentas elegantes, etc.

Maupassant, diante da concepção da “motivação estética”, desenvolveu uma forma literária autêntica, que segundo Carpeaux (1963), foi o criador da “short story”, por escrever de modo exímio em obras, cuja técnica se apresenta por reviravoltas geradoras de um efeito infalível, ou seja, Maupassant adere como fator estético à ficção curta para expor as raízes psicológicas do ser humano através de historietas que retratam as misérias e mazelas, da mente das suas próprias personagens.

Até o séc. XVIII o romance é o gênero de maior prestígio, porém dentro do século XIX o conto entra no gosto do público, e Maupassant é o escritor que adere a essa forma. Para Carpeaux (1963) a técnica do conto que aparece viravoltas bruscas não é uma técnica mecânica, ao contrário, pois ela pode surpreender ou irritar certos leitores.

A estética maupassantiana é voltada também ao trabalho com a linguagem pelo uso de metáforas e alegorias que criam o efeito da ficcionalização e da literariedade no texto, assim sua linguagem, veicula questões intrínsecas humanas, sociais, filosóficas, morais e principalmente existenciais.

Conclui-se, portanto, que os procedimentos motivacionais realistas e estéticos em Maupassant ocorrem por via de uma categorização minuciosa das personagens que apresentam cargas morais, emocionais e psicológicas, da memória, do tempo, do espaço, de uma ambientação histórico-social do séc. XIX além de constantes intervenções do narrador no decorrer da obra, que fornecem o conceito de verossimilhança na narrativa.

3.2 O Interesse do Realismo e do Fantástico

Estudaremos agora como o conceito de “interesse”, proposto por Tomachevski, movimenta-se dentro das vertentes realista e fantástica no escritor Guy de Maupassant.

De imediato, é importante ressaltarmos que o séc. XIX atravessou profundas transformações, inclusas as tecnológicas que beneficiaram a indústria do livro: “[...] A partir do séc. XIX, na maioria dos países europeus, toda a gente sabe ler, todos querem ler, e os progressos técnicos da arte gráfica permitem a satisfação dessa necessidade de leitura [...]” (AUERBACH, 1970, p. 237)

Com toda essa efervescência industrial e cultural, é interessante apontarmos que durante o séc. XIX, o público leitor foi grande, entretanto, todo este prazer esteve voltado exclusivamente às preferências literárias do mundo burguês, visto que esta classe possuía autonomia de poder ao realizar escolhas e tomar decisões, em qualquer âmbito social,

contrariamente ao público comum, que não se manifestava e não possuía vontade e liberdade; assim os aspectos artístico-literários, eram frutos exclusivos dos prazeres burgueses.

Contudo, o gosto estético na segunda metade deste século, é pautado em obras que apresentam uma realidade cotidiana, cuja forma pode ser vista nos romances ou nos contos realistas. (AUERBACH, 1970, p. 242). Maupassant é, portanto, o escritor deste século que ao escrever demasiadamente, como sempre escreveu, adquire para a época grande prestígio, dinheiro e fama.

Desse modo, é por meio dessa fama “literária” maupassantiana que abordaremos a noção de “interesse”, proposta pelo teórico Tomachevski:

“A obra deve ser interessante. A noção de interêsse guia o autor já na escolha do tema. Mas o Interêsse pode tomar formas bastante variadas. As preocupações de ofício são familiares ao escritor, aos leitores mais próximos, e pertencem aos móveis mais fortes do desenvolvimento literário [...]” (TOMACHEVSKI, 1973, p. 170)

O nível de interesse que um texto literário deve despertar, segundo Tomachevski, é que deve guiar para a escolha do tema literário, tão fundamental para a construção de uma obra, podendo ser completamente variado. Para Maupassant a questão do interesse também compõe a ideia que um escritor precisa adquirir a noção da originalidade para narrar e cativar constantemente o leitor.

Ao analisarmos o senso de “interesse”, nos moldes de Tomachevski, diante das obras realistas, como no romance “Bel-Ami” e no conto “Bola de Sebo”, encontramos uma atitude ligada aos problemas sociais do século XIX, visto que os protagonistas destas obras simbolizam uma crítica à sociedade, os costumes de uma classe burguesa falida. Maupassant é arduo, constrói aspectos de vidas que despertam no leitor julgamentos de valores, emoção e indignação.

Por fim, diante do conto “A Noite”, a noção de “interesse” vai ao encontro de um sentimento de empatia do leitor para com o protagonista; dá-se tal identificação conforme os avanços da narrativa que ao vivenciar pela personagem no interior do seu delírio é movido por sentimentos de medo defronte a um ambiente de suspense.

Concluimos, portanto, que Maupassant é um escritor universal e que trabalha em suas obras realidades que se mostram concretas, que emergem interesses atuais, chocam, causam indignação, emocionam satisfazendo o leitor movido para o conhecimento da profundidade da condição humana, por meio de personagens ambientados num século passado, cuja história ainda se encontra bem presente.

3.3 O leitor de Guy de Maupassant.

Ao escrever uma obra, o escritor tende a pensar quem será seu leitor e como esse o interpretará, porque são pelos olhos do leitor que as primeiras ideias críticas surgem a respeito da obra. Tais ideias podem ser expressas de maneira positiva ou negativa; logicamente, vale ressaltar que a trajetória de uma obra é confirmada somente diante de sua leitura.

Maupassant teve leitores interessados e ingênuos, segundo a crítica. Tomachevski comenta a ingenuidade que apontamos como o perfil de um leitor neutro, que busca, no que lê, entretenimento:

“[...] o interêsse do leitor neutro, estranhos aos problemas de ofício, pode tomar formas diversas, partindo da exigência de uma qualidade puramente recreativa (satisfeita pela literatura de “passatempo” de Nat Pinkerton a Tarzan).” (TOMACHEVSKI, 1973, p. 170).

Ao categorizarmos os tipos acima de leitores, no interior do conceito de “interesse”, observamos que o interessado prende-se à leitura de uma fábula literária motivado pelo sentido que uma realidade literária lhe desperta e acima do senso comum. O ingênuo perseguirá no texto literário os traços da realidade imediata. Maupassant contou com esses dois tipos de leitores; o seu trabalho foi lido e prestigiado dentro da segunda metade do séc. XIX, ao que define Carpeaux:

“[...] parecia o símbolo da Paris de 1880: da cidade dos prazeres eróticos mais requintados, do luxo [...], dos divertimentos escandalosos do Príncipe de Gales; saudade íntima dos burgueses abastados de todos os países, de vacâncias matrimoniais”. (CARPEAUX, 1963, p. 2422)

Assim como, pelo mesmo Carpeaux, seus contos viram-se lidos: “[...] em edições baratas, por leitores menos exigentes.” (CARPEAUX, 1963, p. 2422)

Maupassant, pelo que notamos, não pode ser considerado um escritor superficial, que reproduz apenas uma realidade do séc. XIX, visto que seus contos são derivados de crônicas trabalhadas no âmbito jornalístico. Contudo, ambientou suas narrativas no âmbito de um século movido por mudanças e transformações, como foi o séc. XIX, de uma maneira intensa, conforme lemos ao reconhecemos o vazio que seus personagens sentem em suas vidas, e, daí, a busca pelo prazer, ascensão social e poder.

Diante disso, Carpeaux, aponta para a questão que Maupassant é um dos escritores mais tristes da literatura universal. (1963, p. 2424), uma vez que relata uma triste realidade.

Contudo, o modo como Maupassant enxerga com exatidão aquilo que presencia e transmite ao leitor por meio de suas mais variadas estórias, com linguagem simples, personagens próximas da realidade social do séc. XIX, fizeram dele um escritor representativo para o entendimento de uma época.

3.4 O Fantástico em Guy de Maupassant

Maupassant, a partir de 1880, tem sua saúde agravada pela sífilis e começa a sofrer, segundo Hervot (2010, p.143) nevralgias, reumatismo, doença nervosa, problemas de visão, dores de dente, gripes, que interferem cada vez mais no seu cotidiano.

Assim, diante de todos esses problemas, acaba por usar medicamentos como haxixe, éter e ópio para alívio dos sintomas, entretanto, tais medicamentos geram sérios distúrbios mentais no escritor, como delírios, sonhos, alucinações etc. Neste mesmo contexto surgem os seus escritos fantásticos e, entre eles, o conto. “A Noite”, publicado em 1887, que descreve um fato marcante na vida do escritor em 1881:

“[...] Il a perd la vue pendant plusieurs heures. Remarquons le lien entre cette expérience temporaire de la cécité et « La Nuit », récit écrit six ans plus tard, qui en est l’orchestration sompteuse. Ses yuex ne cesseront jamais de le faire souffrir.” (RACHMÜHL, 1992, p. 15)¹

Assim, é importante estabelecermos que certos contos derivem de seu estado doente, como confirma RACHMÜHL, *“tout ce que certains contes fantastiques doivent à la maladie de Maupassant.”* (1992, p. 16).²

Diante de uma análise mais teórica da tendência, utilizaremos conceitos do teórico Tezvetan Todorov, no livro *Introdução a Literatura Fantástica* a fim de entendermos o funcionamento do aspecto fantástico em um escritor consagrado como realista/naturalista.

Para Todorov, o fantástico constitui-se numa ambiguidade que circula entre a realidade e o irreal, cujos acontecimentos não podem ser explicados pelas leis naturais:

“O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural. O conceito de fantástico se define pois com relação aos do real e de imaginário: e estes

¹ “[...] Ele perdeu sua visão por várias horas. Observamos o vínculo entre essa experiência temporária de cegueira e “A Noite”, escrita seis anos mais tarde, é a orquestração suntuosa. Seus olhos jamais o deixaram de fazê-lo sofrer. ” (RACHMÜHL, 1992, p. 15. Tradução nossa)

² “Certos contos fantásticos derivam da doença de Maupassant” (RACHMÜHL, 1992, p.16. Tradução Nossa)

últimos merecem mais do que uma simples menção [...]” (TODOROV, 2010, p. 31)

Dessa maneira, o fantástico para Todorov pode ser explicado de duas formas, ora por causas naturais, ora por causas sobrenaturais e essa transição entre ambas cria o efeito da ambiguidade. O herói ou protagonista vivencia tal duplicidade diante dos acontecimentos, apresentados ao leitor por meio de uma situação de mistério.

Os fatos narrados por um texto fantástico ocorrem sempre de maneira a transparecer o real, para que assim, dentro dessa ambientação, a intromissão de elementos fantásticos ocorra naturalmente. Tais elementos podem ser sensações de pavor, medo, angústia, que a princípio se baseiam em um mundo familiar e que no decorrer da narrativa tornam-se estranhos. Tais características derivam para o que Todorov aponta como hesitação.

“[...] O fantástico implica portanto não apenas na existência de um acontecimento estranho, que provoca hesitação no leitor e no herói; mas também numa maneira de ler, que se pode ora definir negativamente: não deve ser nem “poética”, nem “alegórica””. (TODOROV, 2010, p. 38)

Desse modo, Maupassant, em seus escritos fantásticos, formula a categoria de hesitação, uma vez que esta é compartilhada entre as personagens e o leitor, figura esta que se identifica com a personagem, acreditando na veracidade da história narrada. Assim podemos destacar a verossimilhança do fantástico em Maupassant.

As personagens fantásticas maupassantianas merecem atenção, pois na maioria das vezes o protagonista é o narrador, que, diante do medo, podem acreditar ou não no sobrenatural, mas o temem acima de tudo; a dúvida perdura perante o real e o sobrenatural. De acordo com Moritz Kon:

“[...] Ora, talvez não seja descabido afirmar que os contos de teor fantástico escritos por Maupassant sejam ainda mais realistas do que outros escritos, pois através do fantástico o escritor foi capaz de desenvolver a mais aguda realidade, uma realidade interior, tornando também manifestos os conflitos de sua sociedade.” (MORITZ KON, 2009, p. 19)

Para Maupassant os elementos não justificáveis, estranhos, narrados, de natureza rara, possuem características de verdade e um dos principais motivos da sua racionalidade escora-se na debilidade dos sentidos de compreensão do próprio ser humano, que por mais que explique os fatos racionalmente, depara-se sempre com a dúvida, própria da alma humana.

Ler Maupassant através do viés da sua narrativa fantástica não é somente enxergar as incertezas a respeito do sonho ou da realidade, ilusão ou alucinação, mas é entender a angústia humana frente ao medo, a obscuridade e o desconhecido.

4. PONDERAÇÕES SOBRE AS OBRAS: “*Bel-Ami*”, “*Bola de Sebo*” e “*A Noite*”.



Foto 4: Maupassant acompanhado da senhora Straus, viúva de Georges Bizet

4.1 O romance “*Bel-Ami*”.

O romance “*Bel-Ami*”, de 1885, publicado inicialmente em folhetim, compreende duas partes: a primeira, com oito capítulos e a segunda, com dez, todos dispostos numericamente e sem título. Conta-nos a narrativa a história da a uma ascensão social de Georges Duroy, que não media esforços para consegui-la.

Georges Duroy foi um oficial do exército que, ao voltar de uma campanha, trabalhou em Paris no escritório da Estrada de Ferro do Norte e sempre desejava pertencer à alta classe social parisiense do séc. XIX. Ao caminhar por uma rua da cidade, Duroy encontrou-se com um companheiro de anos atrás, Charles Forestier, que o convidou para jantar na sua casa. Duroy aprontou-se cuidadosamente para o jantar e ao chegar ao apartamento do companheiro, ainda nas escadas, observou-se diante de espelhos, ação a qual o narrador nos descreve: “Mas, eis que, vendo-se de repente no espelho, não se havia reconhecido, tomando-se por outro, por um homem de sociedade, que havia achado muito bem, muito elegante, ao primeiro olhar” (MAUPASSANT, 1981, p. 23)

Tais observações despertaram Duroy para suas ambições. Continuou a observá-lo, ainda na escada, o narrador:

“Chegando ao segundo andar, viu outro espelho e retardou o passo para olhar-se passar. Seu porte pareceu-lhe muito elegante. Pisava bem. E uma confiança sem limites em si mesmo encheu-lhe a alma. Certamente seria bem sucedido, com essa figura, com seu desejo de subir, [...]” (MAUPASSANT, 1981, p. 23).

As observações do narrador acerca do protagonista junto aos espelhos ilustram, relativamente, a divisão interior do protagonista diante da própria imagem, entre o que é e o que poderá vir a ser. Diante disso, o leitor é convidado a ler uma história em que tal personagem busca o prestígio social e econômico através do campo profissional.

Georges Duroy pode ser considerado um anti-herói da literatura; é movido por motivos pessoais como egoísmo, vingança e vaidade rumo a um desejo de vencer acima de qualquer circunstância. Duroy é um jovem rapaz que nasce dentro de uma família de origem rural; não possui nenhuma posição social considerável, e, com a ajuda da Sra. Forestier consagra-se jornalista em Paris; conquista em seu caminho paixões e fama, que abrem para o protagonista as portas de um novo mundo, que o consome cada vez mais pela fortuna e poder.

Duroy, com sagacidade, beleza, charme e um cérebro privilegiado, conquista várias personalidades femininas, esposas de membros influentes da alta sociedade parisiense, que visam em benefício próprio oportunidades de crescimento, dinheiro, amores e vinganças.

Os relacionamentos de Duroy com as mulheres são marcadas pelo desejo puro da conquista a fim de satisfazer suas ambições, conforme a Senhora de Marelle:

“[...] Enganas todo mundo, exploras todo o mundo, agarras o prazer e o dinheiro em toda parte, e queres que te trate como um homem honrado? [...]” (MAUPASSANT, 1981, p. 310).

Diante dos homens, Duroy prende-se a observar e refletir o outro a fim de encontrar a sua própria identidade masculina. No fragmento abaixo observamos que, ao se casar com Madeleine, Georges Du Roy era chamado ironicamente de Forestier, o ex-marido de sua atual senhora.

“Não o chamavam mais senão de Forestier. Logo que chegava ao jornal, alguém gritava: - Dize-me então, Forestier. Ele fingia não escutar e procurava as cartas em sua cesta. A voz continuava, mais alto: - Eh, Forestier. – Ouviam-se alguns risos abafados.” (MAUPASSANT, 1981, p. 193).

Neste outro fragmento podemos observar pela voz do narrador que o próprio Duroy convencia-se de que Forestier sem Madeleine não servia absolutamente em nada, diferentemente dele.

“Du Roy admitia perfeitamente que Forestier não fosse nada sem Madeleine: mas quanto a ele, era outra coisa.” (MAUPASSANT, 1981, p. 194).

Por conseguinte, a narrativa toma seu curso e nele observamos outras características que nos aproximam novamente das motivações realista e estética de Tomachevski; no romance “Bel-Ami”, as descrições são relevantes para criar efeitos do real e dão verossimilitude ao texto, juntamente com informações acrescentadas aos personagens; sensações de tempo e espaço narrados, que perfazem a escrita realista/naturalista.

O narrador do romance não participa da narrativa, porém, impõe sutilmente julgamentos de valores, para assim revelar uma visão de mundo:

“O rapaz trouxe um velho sacerdote complacente que se prestava à situação. Logo que entrou no quarto do agonizante, a Senhora Forestier saiu e sentou-se com Duroy na peça da vizinha.” (MAUPASSANT, 1981, p. 152).

O título do romance é sugestivo e merece destaque: o protagonista, ao praticar a extorsão em diferentes meios consegue inserção em uma sociedade marcada pelas falsas relações sociais, morais e religiosas, tornando-se assim um homem que mesmo dentro deste cenário agressivo e brutal, sobrevive e consegue chegar ao ápice dessa vida burguesa do séc. XIX francês.

Maupassant, assim, mostra-se ardiloso com a linguagem; busca sempre um texto claro, sem excessos, sem quer ser singelo ou ingênuo; ao contrário, retrata perfeitamente as falsas relações religiosas, morais, econômicas e sociais desta época tão conturbada como a já citada.

Contudo, é com o personagem Georges Duroy que Maupassant retrata com maestria a ironia, a objetividade e a transparência da sociedade parisiense nos finais do século XIX.

4.2 O conto “Bola de Sebo”

O conto “Bola de Sebo”, publicado em 1880, tem como contexto narrado a Guerra franco-prussiana, experiência que o próprio Maupassant, como combatente, vivenciou, e que, segundo (HERVOT, 2010) o escritor não demonstrava nenhum ânimo em participar dos conflitos. Ao contrário, tratou-se de encontrar um meio para ficar menos exposto ao perigo, sem nenhum sinal de patriotismo exacerbado.

Nesse conto, encontramos um grupo de viajantes compostos por três casais pertencentes à alta burguesia francesa, duas religiosas e uma prostituta, a Bola de sebo:

“A mulher, uma dessas chamadas galantes, era célebre por sua gordura precoce, que lhe valera o apelido de Bola de Sebo. Miúda, redondinha, gordinha com dedos rechonchudos estrangulados nas falanges como fieira de curtas salsichas, com uma tez luzidia e tensa, o seio enorme a rebentar a blusa, era no entanto apetitosa e desejada, de tal modo agradava à vista o seu frescor. Seu rosto era uma maçã vermelha, um botão de peônia prestes a florir; e ali se abriam, no alto, dois magníficos olhos negros, sombreados de grandes cílios espessos, que mais escuros os tornavam; embaixo, uma boca encantadora, pequena, úmida para o beijo, mobiliada de dentinhos brilhantes e microscópios. De resto ela possuía, pelo que diziam, inapreciáveis qualidades.” (MAUPASSANT, 1987, p. 15)

Tal descrição reforça a ideia de como a caracterização das personagens e dos fatos da narrativa maupassantiana são de extrema importância para a criação da verossimilhança e do efeito do real, que cativam o leitor do realismo.

O narrador, ao contar a história, coloca em meio às impressões relatadas seus juízos morais, suas ironias, que não passam despercebidos pelo um leitor menos atento; tais observações mostram o verdadeiro sentido realista da ficção de Maupassant.

Na diligência as personalidades que ali se encontram, possuem diferenças sociais, culturais e econômicas, questões essas, fundamentais porque tais condições perpassarão por todos os juízos do conto. As personalidades seguem viagem por três dias até chegar ao Havre, para fugirem do território invadido pela Prússia. Dentro desta disposição, o conto “Bola de Sebo” trabalha concomitantemente duas histórias paralelas; uma, que narra os acontecimentos históricos e tem por plano de fundo a guerra franco-prussiana em 1880, e a outra história vivenciada pelas personagens, as viajantes, que seguem viagem dentro da diligência.

O núcleo dramático da narrativa inicia-se quando a fome anuncia-se para os viajantes que não trouxeram absolutamente nada para comer; a única que lembrou de abastecer-se foi Bola de Sebo, que fornece alimentos para o grupo. Desse modo, observa-nos o narrador:

“[...] Bola de Sebo, com uma voz humilde e suave, convidou as boas freiras a partilharem da sua refeição. Ambas aceitaram instantaneamente [...] Cornudet tampouco recusou o convite de sua vizinha; e formaram com as religiosas uma espécie de mesa, estendendo jornais sobre os joelhos.” (MAUPASSANT, 1987, p. 18)

Passado um longo período da viagem, os viajantes são surpreendidos então por oficiais prussianos que os retém numa fronteira. Para conseguirem o passe livre pela barreira, um oficial prussiano exigiu como forma de pagamento uma noite com Bola de Sebo. A protagonista, de imediato, recusa-se ao pedido do militar prussiano, entretanto, por pressão do grupo, cede e, com isso, libera a passagem para os demais ocupantes da diligência.

O conto, em seu desfecho, mostra que Bola de Sebo, ao abandonar o leito do comandante prussiano, poderá juntar-se ao grupo. Ironicamente, lemos que, na forma como foi libertada não lhe deu tempo para se alimentar. Todos, uma vez na diligência, esperando-a, encontram-se alimentados e sequer olham-na no interior da carruagem e com fome:

“[...] Ninguém a olhava, ninguém se importava com ela. Sentia-se afogada no desespero daqueles honestos crápulas [...]. Pensou então no seu grande cesto cheio de coisas boas que eles tinham sofregadamente devorado, nos seus dois frangos, [...] dois patês [...], e ela sentiu-se prestes a chorar [...]” ((MAUPASSANT, 1987, p. 44)

Diante disso, Bola de Sebo pode ser considerada uma personagem de caráter realista: vive o drama de existir as adversidades de uma situação; faz-se solidária, nacionalista e, mesmo assim, vê-se aproveitada por manipuladores e omissos. Bola de sebo, assim, vive de seus acertos e sofre diante dos erros de caráter do outro.

Maupassant, diante de Bola de sebo, emprega um discurso próximo ao sentimentalismo, e através de uma linguagem objetiva julga as classes sociais nos papéis dos viajantes da diligência. Devido a isso, o conto Bola de Sebo apresenta a comoção por “motivação estética”, desperta o interesse do leitor realista.

Maupassant, no conto em questão, tem o seu interesse bem voltado para a caracterização da protagonista. Bola de sebo, nacionalista, bonapartista, em território francês invadido pela Prússia, vê-se discriminada e julgada por franceses. Para isso, lemos um conto todo construído nas bases morais que sustentam a sociedade burguesa francesa derrotada diante da fraqueza de suas instituições, hipocrisia e classes dominantes.

4.3. O conto “A Noite”.

O conto intitulado “A Noite”, de 1887, traz em seu enredo traz a perambulação noturna de uma personagem que caminha freneticamente pelas ruas de Paris. O conto é narrado em primeira pessoa e todos os fatos acontecem ditos pela voz dessa personagem-narrador.

De um lado a noite que é simbolizada como alegria, agitação divertimento, do outro, o dia que é visto como cansativo e triste:

“O dia me cansa e me enfastia. É bruto e barulhento. Levanto-me a custo, visto-me com tédio, saio lamentando, e cada passo, cada movimento [...], me cansa como se erguesse um fardo esmagador. Mas quando o sol se põe, sou invadido por uma alegria confusa, uma alegria de todo meu corpo [...]” (MAUPASSANT, 2009, p. 717)

Contudo, com o passar do tempo lemos que essa atmosfera noturna, por mais amada que seja pelo protagonista - “Amo a noite com paixão. Amo-a como se ama um país natal ou uma amante [...]” (MAUPASSANT, 2009, p. 717), adquire uma forma insólita:

“[...] Mas como explicar o que aconteceu comigo? Como, aliás, deixar claro que eu possa contá-lo? Não sei, sei mais, sei apenas que é assim.” (MAUPASSANT, 2009, p. 718)

O inexplicável vivenciado pela personagem no curso de uma noite é uma característica do fantástico em Maupassant, visto por meio da percepção da personagem. No início do conto a figura da noite é vista como algo que atrai a personagem; posteriormente, faz-se num vazio, um buraco negro, que conduz ao medo e ao horror. O medo é também outro fator que aparece nos contos fantásticos; trata-se de um sentimento que, uma vez narrado, pode conduzir o leitor para as hesitações requeridas pelo ambiente do fantástico.

No conto “A Noite” a atmosfera noturna promove, na personagem, um pesadelo, algo de fato insólito vivenciado pela personagem, num ambiente do cotidiano. Tal arranjo dado por Maupassant fez com que Ítalo Calvino (2004, p. 351) considerasse a narrativa como pertencente ao “fantástico cotidiano”, uma vez que com mínimos recursos o leitor vê-se num ambiente de sensações opressivas seguida do pesadelo.

Por fim, podemos também considerar que o fantástico em Maupassant é dado por enfoques novos e não mais por elementos de tradições de tendências do passado; ao contrário, são manifestações que nos fazem refletir acerca da sua originalidade.

Maupassant, escritor do séc. XIX, racional, cético, ao publicar contos dentro da vertente fantástica, revê o modo como essas narrativas foram narradas e, com isso, mostra aos seus leitores que também é capaz de cativá-los, emocioná-los e persuadi-los artisticamente diante de um tempo em que predomina o cientificismo, o determinismo e o racionalismo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Como vimos o escritor Guy de Maupassant, pertencente historicamente ao séc. XIX publica sua obra tanto escritas por um viés Realista/Naturalista como fantástico. Trata-se de uma obra trabalhada tanto no interior de uma realidade objetiva, que visa à repercussão de uma verdade, sob o aspecto da “motivação realista” e “estética”, como quis Tomachevski, como no âmbito de um ambiente do fantástico. Em ambas as circunstâncias, no entanto, o autor narrou-as com realismo, verossimilhança, a fim de aproximar-se do interesse do leitor da sua época.

Ao categorizarmos Maupassant como realista podemos concluir que ele trabalha com uma objetividade de pensamento e por meio de personagens baseadas no homem comum, com condições sociais, culturais e econômicas contemporâneas, do século XIX. Maupassant, de um lado, trabalha com o real, sem qualquer idealização da verdade sob a figura humana; é dono de uma linguagem fácil e simples. De outro, o naturalismo maupassantiano vai ao encontro de uma presença autoral mais crítica com relação ao social no homem; dessa forma, Maupassant é ardiloso com a linguagem ao retratar a sociedade burguesa parisiense com criticidade e ironia. Por fim, o Maupassant fantástico: mesmo no interior da vertente do realismo, é interessante ressaltarmos que o escritor esboça, numa atmosfera fantástica, a razão, em virtude de verdades que acontecem em meio a devaneios, alucinações e sonhos que, por si só, apresentam-se como fatos observáveis ao homem, da sua humanidade, da realidade humana.

REFERÊNCIAS

- AUERBACH, E. **Introdução aos estudos literários**. São Paulo: Cultrix. p. 235 a 245, 1970.
- CALVINO, Í. **Contos fantásticos do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CARPEAUX, M, O. **História da literatura ocidental**. Rio de Janeiro: Cruzeiro. v.V, p. 2422-28, 1963
- HERVOT, B. **Tagarelice Espirituosa- As Cartas de Maupassant**. São Paulo: Unesp, 2010
- HOBSBAWM, J, E. **A era do capital 1848- 1875**. Paz e Terra. 2009
- LAGE, C. **A escuta de Flaubert**. A Gazeta do Povo: Rascunhos. Disponível em: <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/a-escuta-de-flaubert/>> Acessado em: 30.out.2013.
- MAUPASSANT, DE G. **Gustave Flaubert**. Campinas: Pontes. 1990.
- MAUPASSANT, DE, G. **Bola de Sebo e outros contos**. Rio de Janeiro: Globo. 1987
- MAUPASSANT, DE, G. **Bel- Ami**. São Paulo: Abril Cultural. 1981
- MORITZ KON, N. **125 Contos de Guy de Maupassant**. Tradução de Almicar Bettega. São Paulo: Companhia das Letras. Apresentação, 2009.
- RACHMÜHL, F. **Le horla et autres contes fantastiques maupassant**. Paris: Hatier. 1992.
- TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva. 2010.
- TOMACHEVSKI, B. **Temática**. In:_____ Teoria da Literatura: Formalistas Russos. Porto Alegre: Globo. 1973.

REFERÊNCIAS IMAGENS

- Figura1:** GUY (DE MAUPASSANT- DIEPPE (FRANCIA), 1850 - PARÍS (FRANCIA), 1893). Periférica. Disponível em: <<http://www.editorialperiferica.com/?s=autores&aut=51>> Acessado em: 30.out.2013
- Figura 2:** Guy de Maupassant. Estórias da História. Disponível em: <<http://estoriasdahistoria12.blogspot.com.br/2013/08/guy-de-maupassant-05081850-06-071893.html>> Acessado em: 30.out.2013
- Figura 3:** Guy de Maupassant. Maupassant. Larousse. Disponível em: <http://www.larousse.fr/encyclopedie/personnage/Guy_de_Maupassant/132339> Acessado em: 30.out.2013
- Figura 4:** Guy de Maupassant. Larousse. Disponível em: <http://www.larousse.fr/encyclopedie/personnage/Guy_de_Maupassant/132339> Acessado em: 30.out.2013.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CONESSA, M, K, M. & OLIVEIRA, F, R. **Entre o real e o sobrenatural: O fantástico de Guy de Maupassant**. Colóquio da Pós Graduação em Letras. Universidade Estadual Paulista. Campus de Assis. Disponível em
<<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/ColoquioLetras/marakeilla.pdf>>
Acessado em: 05.nov.2013

DAS NEVES, A. **Guy de Maupassant, um ilusionista das letras francesas**. Disponível em:
<http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/Pos/Cadernos_texto_2.pdf>
Acessado em: 29.out.2013.

DOS SANTOS, D. K. **Aspectos impressionistas em Bel-Ami de Guy de Maupassant**. 2012. 124f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

MACHADO, M, G. **O Discurso Realista em Guy de Maupassant**. Disponível em:
<<http://seer.fclar.unesp.br/lettres/article/download/1278/1024>> Acessado em: 31.out.2013.

MOREIRA, DE A, J. **O Fantástico Segundo Guy de Maupassant**. Disponível em:
<<http://www.letras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a4ne/jorgedeazevedo.pdf>>
Acessado em: 04.nov. 2013.